



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o **crédito apropriado**, fornecer um link para a licença e **indicar se mudanças foram feitas**. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format.

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

Estados Unidos: a terceira via (ainda mais) conservadora

United States: a much more conservative third way

VIRGÍLIO CAIXETA ARRAES*

Meridiano 47 n. 115, fev. 2010 [p. 19 a 20]

O sistema partidário americano estruturou-se desde o século XIX no bipartidarismo. Há períodos em que um grupo dissidente ou do Partido Democrata ou do Partido Republicano separa-se momentaneamente e lança-se na eleição – normalmente – presidencial.

Para tanto, recorde-se que no pleito de 1992 uma ala discordante dos republicanos – e em menor escala dos democratas – agrupou-se em torno de Ross Perot, do Partido Reformista, o que involuntariamente terminou por auxiliar a vitória do democrata Bill Clinton, não obstante a popularidade prévia do republicano George Bush, em busca do segundo mandato.

Após a derrota dos republicanos em 2008, depois de oito anos à frente do poder, segmentos mais reacionários agrupam-se mais e mais à roda de um movimento conhecido como o 'Partido do Chá', estruturado para revigorar os principais fundamentos do que acreditam ser o americanismo, fundado sob a perspectiva religiosa do cristianismo reformado.

Não há ainda uma plataforma ampla comum a seus seguidores, porém o seu elo básico é o clamor por impostos mais baixos e despesas governamentais menores, a fim de conter o déficit público.

O nome evoca um dos episódios desencadeantes do processo de independência americana. Em maio de 1773, o Legislativo britânico havia aprovado a Lei do Chá. Por meio dela, tentou-se auxiliar a recuperação financeira da Companhia das Índias Orientais, fundada em 1690, em má situação havia algum tempo. Naquela oportunidade, a empresa tinha em seu estoque mais de sete mil toneladas e meia de chá indiano.

Até então, ela vendia-o em leilão em Londres para distribuidores ingleses e americanos. Estes o comerciavam no outro lado do Atlântico Norte após dupla tributação – primeiro na Grã-Bretanha e depois

em alguma das treze colônias por meio do imposto Townshend.

A nova lei passou a permitir a venda, via monopólio, sem a antiga intermediação e sem a taxação britânica, o que possibilitaria um preço menor. Desta forma, a Coroa esperava eliminar a competição ilegal, efetivada pela Companhia Batava das Índias Orientais, ao repassar o seu produto a contrabandistas de origem britânica.

Contudo, apesar da queda dos preços, houve o temor por parte dos súditos americanos de que novos monopólios pudessem ser concedidos, em desfavor dos comerciantes anglo-americanos.

Além do mais, um ano antes, Londres havia estabelecido salários para os governadores coloniais, o que diminuiu o poder das assembleias locais, outrora responsáveis por eles. Assim, a elite americana enxergou nas medidas o prenúncio de outros atos mais restritivos.

Quando da chegada dos navios a apenas quatro cidades – Charleston, Filadélfia, Nova York e Boston – a recepção popular foi inamistosa. Na Filadélfia e em Nova York, as embarcações nem sequer atracaram. Em Boston, no entanto, em função da determinação do governador de possibilitar o comércio do produto, a situação agravar-se-ia. Embora a estadia acontecesse, o desembarque do produto, não.

Durante o impasse, moradores, disfarçados de indígenas, invadiram coordenadamente os navios e jogaram as caixas de chá no mar. A resposta de Londres, através do Parlamento, foi a aprovação das chamadas Leis Coercitivas para cobrar da cidade o prejuízo. Navio algum poderia estacionar na cidade enquanto o débito estivesse em vigor. Nova York, Baltimore e Filadélfia beneficiar-se-iam temporariamente.

* Professor do Departamento de História da Universidade de Brasília – UnB (arraes@gmail.com).

Os acusados de participar do episódio – e também de outros delitos a partir de então – poderiam ser julgados fora de Massachusetts. A assembléia seria composta por representantes indicados pelo rei, não pela população local. Por fim, o governador, nascido na colônia, seria substituído por um general britânico.

O resultado de tais medidas, em vez de inibir a ação dos súditos americanos em prol de seus direitos, estimulou-a. A avaliação britânica era de que a repercussão das medidas não ultrapassaria Massachusetts. Em junho de 1774, os seus líderes solicitaram um encontro com os das demais colônias para debater a sua situação e seus interesses comuns;

Apenas os da Geórgia recusaram-se a participar. Em setembro, ocorreria na Filadélfia o Primeiro Congresso Continental – menos de dois anos, haveria a proclamação da independência. Quase dois séculos e meio mais tarde, muitos norte-americanos consideraram necessária uma movimentação similar a ela.

Na prática, seus simpatizantes posicionam-se na economia, como já mencionado, a favor de menos impostos, reivindicação confundida muitas vezes com uma redução da presença do Estado. Na política externa, manifestam-se em prol de medidas antiimigratórias, principalmente em face das correntes latino-americanas e asiáticas, as quais estariam aos poucos descaracterizando a cultura americana, leia-se, a de matiz anglo-germânica.

Nesse sentido, assumem uma posição antimulti-cultural. Muitos consideram os democratas, tendo à frente um presidente de ascendência queniana e muçulmana – Barack Hussein Obama, como enfatizam ao recitar o nome todo – um governo de inspiração socialista.

Há o receio para os setores mais reacionários de uma progressiva latinização do país, via México notadamente, observada de maneira negativa, diante do hiato da riqueza entre a América anglo-saxã e a Latina.

Nesse sentido, há a postura de limitar a participação dos recém-emigrados ou de seus descendentes no processo eleitoral: uma das medidas seria o estabelecimento de uma prova, com vistas a avaliar simultaneamente o conhecimento do idioma inglês,

da história estadunidense e do sistema político.

Até 1965, quando da reforma eleitoral, vários estados (especialmente os do sul) aplicaram constantemente exames ‘cívicos’ aos interessados em alistar-se, de forma que se pudesse restringir a participação das minorias. Uma junta de eleitores secretamente analisava as provas e comunicava apenas o resultado final, de forma que os critérios de avaliação não eram claros.

Na política externa, muitos deles defendem a atual postura militar, tendo em vista a necessidade de defesa do país contra os terroristas, em especial os de viés fundamentalista. Por extensão, inclinam-se favoravelmente à atuação do Departamento de Segurança Interna.

A formação de agremiações de perfil mais conservador ocorre em momentos de crise – em abril de 2009, estimou-se que quase cinco milhões de simpatizantes reuniram-se em todo o país para protestar contra as medidas do governo democrata.

Nas eleições parlamentares do presente ano, os ‘chazeiros’ estarão diante de sua primeira argüição eleitoral. O seu êxito ou fracasso inicial dependerá mais da repercussão da gestão Obama do que o seu programa em si, já subscrito em maior ou menor intensidade pelos republicanos.

Recebido em 18/02/2010

Aprovado em 19/02/2010

Resumo: o artigo trata do recrudescimento do conservadorismo político nos Estados Unidos. Nesse sentido, destaca a formação em torno do movimento conhecido como o Partido do Chá, alusão a um evento de 1773.

Abstract: the article talks about the growing political conservatism in the United States. It therefore highlights a political movement known as the Tea Party, which makes reference to a historical event held in 1773.

Palavras-chaves: Estados Unidos, conservadorismo, ‘Partido do Chá’

Key words: United States, conservatism, Tea Party